CONFLITOS

Índios da comunidade tremembé estão sofrendo ameaças de morte

Missionária denuncia que proprietários são maiores suspeitos

Índios tremembés denunciam à Polícia Federal que estão sofrendo ameaças de morte. A denúncia foi feita na última quarta-feira. Segundo o Delegado-Coordenador da PF, Wilson Nascimento, os tremembés "não sabem os nomes de quem os estão ameaçando".

A missionária Maria Amélia disse que "os índios tiveram notícias que está sendo organizado um grupo de 40 homens, que têm propriedades na área, para invadirem suas casas e matá-los". Amélia também afirma que "um ancião da tribo, José Paulino, recebeu o recado de que ele poderia ser morto".

Conforme a missionária, "o clima de perseguição e ameaças instalou-se desde que a Fundação Nacional do Índio (Funai) aprovou o laudo antropológico que define a área dos tremembés". A delimitação do território, segundo Amélia, "feriu os interesses dos especuladores".

A PF já tomou providências deslocando dois agentes para a área. Nascimento afirma que a finalidade é "baixar o foco de tensão e apurar a veracidade das denúncias". Segundo ele, "a determinação do superintendente regional Laerte Nobre é investigar com profundidade o que está acontecendo".

JOÃO CARLOS MOURA

Maria Amélia diz que até anciãos da tribo recebem ameaças

Funai reconhece povo tremembé como indígena

Depois da comunidade Tapeba, agora é a Tremembé que tem sua indiginidade reconhecida pela Funai. Em portaria datada de 8 deste mês e publicada no Diário Oficial da União na última terça-feira, o Presidente da Funai, Cláudio dos Santos Romero, reconhece os estudos de identificação/delimitação da área indígena Tremembé de Almofala, com superfície aproximada de 4.900 hectares e perímetro de 37 quilômetros, localizada no município de Itarema. Os Tremembé passam a ser, portanto, a segunda reserva indígena reconhecida no Ceará. Suas terras, contudo, só poderão ser demarcadas depois que o Ministro da Justiça, Maurício Corrêa, assinar decreto regulamentando a desapropriação da área e sua posse pelos nativos.

Um dos primeiros povos indígenas a ter contato com os europeus, os Tremembé foram assim dominados por eles porque viviam em tremedais, tremembés, ou tramembés - pântanos com cobertura vegetal. O território ocupado por eles, abrangia as terras que atualmente constituem os estados do Maranhão, Piauí e Ceará. Guerreiros, pescadores e caçadores nômades, eram exímios nadadores e vagavam em pequenos grupos pelo litoral, vivendo em abrigos provisórios.

04.07.93

O POVO/CIDADES

Índios Tremembés inauguram sede da Associação

A comunidade indigena de capim-Açu inaugurou no último dia 26, a sede da primeira Associação dos Índios Tremembés. Construída em regime de mutirão, a entidade nasceu do encontro de duas comunidades, que resolveram se unir pelo fortelecimento dos Tremembés. Segundo a Presidenta da entidade, Maria Rita, a criação da Associação foi um teste para provar que a alma tremembé não morreu e que um povo organizado tem mais força.

Durante a solenidade de posse, o índio José Amarildo dos Santos, primeiro fiscal da entidade lembrou que agora mais do que nunca é importante que a comunidade continue unida, pois só assim, poderá buscar o apoio das autoridades competentes. Ele diz que o dever da associação é denunciar, cobrar, reivindicar e se associar a outras comunidades para fazer valer os direitos como cidadão. O patriarca José Augustinho foi quem começou a luta, visitando as famílias, pedindo conselhos e oferecendo ajuda.

Os integrantes da Associação estão recebendo o apoio das comunidades de Quatro Varas, do Alagadiço e da Universidade Federal do Ceará.

Inquérito apura agressão a índio tremembé

Polícia Federal quer ouvir implicados no crime e descobrir autores intelectuais do atentado

A Polícia Federal instaurou inquérito para apurar o espancamento de que foi vítima o índio tremembé José Odécio Marques, 43. A agressão veio confirmar as ameaças de morte que as lideranças do movimento pela demarcação das terras indígenas vem sofrendo no distrito de Almofala, no município de Itarema, a 220 quilômetros de Fortaleza. Na última quinta-feira, ele prestou depoimento na PF e na próxima semana começaram a ser ouvidos os implicados no caso. Ontem, Odécio submeteu-se ao exame de corpo de delito no Instituto Médico Legal (IML).

O inquérito policial deverá estar concluído dentro de 30 dias. O resultado das investigações será encaminhado à Procuradoria da República no Ceará, para que sejam adotadas as providências cabíveis. Segundo o procurador Oscar Costa Filho, se for confirmada a suspeita de tentativa de homicídio, o caso será julgado pelo Tribunal do Júri, na Justiça Federal. Isso porque se trata de uma disputa de direitos indígenas. Além da autoria material, o inquérito vai apurar também os autores intelectuais do crime.

José Odécio, oito filhos, sofreu o atentado a pauladas por seis homens, na última terça-feira, quando se dirigia para casa, após jantar na casa do cacique Vicente Viana. "Achei que ia morrer, pois as pancadas foram para valer" — diz. Na segunda-feira, ele se submeterá a outros exames para que seu estado de saúde seja avaliado. Florência Sales, da Missão Tremembé, diz que o clima em Almofala está muito tenso e que as ameaças aos índios continuam. Estão ameaçados de morte o cacique Vicente Viana e o segundo cacique João Venâncio. Os índios tremembés pedem ajuda às autoridades competentes para que garantam a segurança dos indígenas. Luiz Manoel do Nascimento, 42 anos e 11 filhos, diz que seu povo é discriminado pois não tem direito aos bolsões, trabalho nas frentes de serviços, assistência médica e educação.

Oscar Costa Filho é um dos procuradores da República no Ceará

Nação invoca o direito à terra

A nação Tremembé de Almofala, distrito de Itarema, é a única do Nordeste a ter registro de posse das terras, passado em cartório. As cerca de 400 famílias lutam pela demarcação de 4. 900 hectares de terra, já identificadas pela Funai. Eles integram as 22 nações indígenas nativas do Ceará. Nos séculos XVI e XVII, os Tremembés ocupavam uma faixa litorânea desde o Maranhão ao Ceará.

Ameaças a tremembés serão investigadas

Procurador da República pede intervenção da Polícia Federal diante da tensão em Almofala

Almofala, distrito de Itarema no Ceará, está em pé de guerra novamente. Os brancos que nos anos 70 massacraram os Tremembés para ocuparem suas terras para o plantio do coco e criação de gado, fazem novas ameaças. A missionária indígena irmã Maria Amélia Leite teme que a luta dos índios pela demarcação dos 4.900 hectares em Almofala, reinicie os homicídios contra os Tremembés.

Ela diz que no último domingo o cacique da nação Tremembé, Vicente Viana, foi ameaçado com um revólver pelo comerciante conhecido por Pitanga. Segundo Maria Amélia, o comerciante estaria revoltado com o cacique devido à divulgação da Campanha pela Demarcação das Terras Indígenas no Ceará — "Terra Demarcada — Vida Garantida", em Fortaleza.

A luta pela posse da terra entre brancos e índios em Almofala ficou mais acirrada com a proximidade do prazo limite para a demarcação da reserva indígena, cinco de outubro deste ano. A afirmação é de Maria Amélia. Na tentativa de impedir a expulsão das famílias brancas das terras delimitadas aos índios pela Funai, o deputado Stênio apresentou na Assembléia Legislativa um abaixo-assinado com os nomes de 412 famílias. Segundo o Deputado essas pessoas serão desapropriadas de suas terras.

No entanto, a posse de uma légua e meia está assegurada aos Tremembé, em documento datado de 27 de fevereiro de 1857, e registrado no cartório de Barra do Acaraú, a 18 de março de 1857, pelo vigário Antônio Xavier de Castro e Silva. A doação foi de sua Majestade para "residência e subsistencia dos indios de Almofala". A doação é oriunda da chamada Lei das Terras de 1857, a qual tentava reparar o mal que a Coroa causara aos índios, que dispunham até então de 70 léguas. Agora, com a identificação dos 4.900 hectares pela Funai, os índios só precisam da publicação do despacho da Presidência da Funai e a portaria ministerial que concretiza, oficialmente, a demarcação das terras dos Tremembés em Almofala.

Segundo o Diretor-Regional da Funai, em João Pessoa, Marcos Clemente, a reserva indígena, com quase cinco mil hectares, começará no pátio da igreja de Nossa Senhora da Conceição e irá em direção a praia. A Matriz, com 280 anos de construção, e tombada pelo patrimônio histórico e artístico nacional, poderá ficar na área indígena.

06.05.93 O POVO/CIDADES/MUNICÍPIOS

CONFLITO

Polícia Federal vai investigar atentado contra índio tremembé

José Odécio Marques foi atacado com pauladas em Almofala

O índio tremembé José Odécio Marques foi vítima de um atentado na última terça-feira, confirmando as ameaças de morte que as lideranças do movimento para demarcação das terras índígenas vem sofrendo no distrito de Almofala, em Itarema, a cerca de 220 quilômetros de Fortaleza. Dois agentes da Polícia Federal foram enviados ontem ao local, a fim de trazerem Odécio para Fortaleza, onde será instaurado inquérito na PF para apurar as agressões. Conforme as primeiras informações, o índio foi atacado com paus por seis homens.

"Se o estado dele for grave, a ordem é parar no primeiro hospital, onde ele receberá a proteção dos agentes, já que as lideranças não confiam nos hospitais nem na Polícia da região" — explicou o Procurador da República no Ceará, Oscar Costa Filho. Acrescentou que após o inquérito, os responsáveis serão processados pela Justiça Federal. Adianta que o atentado contra a vida de Odécio é uma concretização das ameaças que os Tremembés vêm recebendo por conta da demarcação das terras, "que é um processo irreversível, que está em fase final de conclusão" — diz.

O índio Francisco Marques do Nascimento, conhecido por João Venâncio, que se encontra em Fortaleza, declarou que na região já se sabe que ele está marcado para morrer: "Dizem que eu só tenho 25 dias para viver" — diz. Na segunda-feira passada, 3, Marques, João Batista de Sousa, Luís Manoel de Sousa e o próprio Odécio, acompanhados da representante da Missão Tremembé, Maria Amélia, foram à Procuradoria da República no Ceará, denunciar o caso e pedir segurança.

JOÃO CARLOS MOURA

Em Almofala, os Tremembés reivindicam direito de onde moram

Os índios Tremembés, que estão em luta pela demarcação de suas terras, começaram a ser ameaçados por posseiros da região desde o último dia 24 de abril, depois de campanha realizada na Capital.

Cartório registra a posse da terra

Os Tremembés de Almofala, em torno de 400 famílias, são a única tribo do Nordeste e uma das poucas do Brasil a ter a posse de um pedaço de terra registrada em cartório no século passado. Esse documento ratifica a identificação pela Funai de 4.900 hectares de reserva para demarcação. A Fundação também identificou nessa área, 26 proprietários de 33 posses, que são os que devem sair quando as terras forem demarcadas.

Segundo o índio Francisco Marques do Nascimento, não há o que contestar sobre a origem indígena dos moradores de Almofala. "Não somos índios como antigamente. Mas temos uma descendência forte e mantemos características e costumes" — afirma. Acrescenta que a pressão contra os que habitam a área é tão grande que muitos, por medo, chegam a negar a origem. Mas as famílias que moram ali são uma só. "O grande problema é que ser índio é ser dono da terra".

EXPERIÊNCIA

Realidades urbana e indígena reúnem-se em favela

Para o psiquiatra Adalberto Barreto, a pobreza da tribo e da comunidade é uma força, capaz de enfatizar as identidades culturais.

A troca de experiências entre a modernidade e a tradição; a primeira representada por uma comunidade favelada e a segunda por um grupo de 36 idosos da tribo dos Tremembés, índios que no Ceará, habitam Almofala e Capim Açu, no Município de Itarema. Marginalizados, os indígenas permanecem muito arraigados na tradição, enquanto na favela, os moradores conseguem superar a desigualdade social através da organização. Esse intercâmbio foi possibilitado pelo projeto "Psiquiatria na Favela", que tem à frente o psiquiatra e antropólogo Adalberto Barreto. Numa sessão de psicoterapia, os indígenas conheceram as experiências dos moradores da comunidade Quatro Varas, no Pirambu, falaram de suas vivências e, a partir das 18 horas, apresentaram a dança do torém, junto a qual foi servido o mocororó, bebida indígena feita à base de caju fermentado. O evento teve início às 14 horas na sede dos Direitos Humanos do Pirambu.

A visita dos Tremembés à comunidade foi iniciada na última quarta-feira, onde participaram de várias programações. No relato de suas vidas ante as dificuldades, sobretudo a da ameaça de expulsão de suas terras (fator mais reclamado pelos indígenas), os idosos colocaram como a maior tristeza vivenciada atualmente o sofrimento de não ter onde plantar para ajudar filhos e netos a sobreviver. A realidade dos Tremembés — afirmaram — é feita de pobreza, de crianças com fome, descalças e dormindo no chão debaixo de uma casa de

ALCEBIADES SILVA

Trajados quase a rigor, tremembés dançaram o torém nas Quatro Varas

fogo (palha do coqueiro). A sorte — disse o cacique de Almofala — Manoel Viana — "é que a gente é encostado no mar, come peixe, siri, caranguejo e ostras. O conforto da alma, o Pai Eterno dá pois só com fé o camarada resiste". Com 70 anos, ele afirmou só ter conhecido sofrimento em toda a sua vida.

"Nosso mundo está escravizado por aquele que tem o poder na mão". As palavras iniciam uma canção entoada na ocasião por dona Leonor. No seu canto, a índia relatou a pressão, representada pela falta de casa, trabalho e pão na caminhada dos Tremembés, ao mesmo tempo que falou da esperança de um mundo novo, onde casa, terra e pão sejam para todos. Explicou o coordenador da iniciativa, Adalberto Barreto, que o encontro da cultura indígena com a cultura da realidade urbana, foi especial no sentido de possibilitar um resgate de valores próprios de cada cultura. A pobreza — disse — se constitui em ambos os casos uma força. Assim — continua — pode-se descobrir o que se tem e o que se pode fazer, pois pobreza não é sinônimo de incapacidade. "A pobreza e o caos é a matéria-prima de toda a construção. Deus fez o homem do barro, pelo trabalho, e a imagem do homem é a do Deus criador" — argumenta.

No torém — explica — os caciques tremembés dão verdadeiras lições de vida. Trata-se de uma dança em ritmo de xote dançada pelos índios na época da colheita do caju e ao sabor do mocororó (espécie de vinho de caju fermentado) e que tem no maracá o instrumento para dar ritmo. É cantada em português, mesclado de palavras tupi. Nessa dança, os indígenas evocam os animais com os quais aprenderam a conviver. De cada animal, eles retêm um gesto: da cobra caninana, os botes traiçoeiros; do cancão, os pulos e a sagacidade de desviar da arapuca; e da aranha, a sua teia, ou seja, com cada um adquire uma lição para a vida. É na natureza que o índio se equipa com as suas armas, com a qual faz uma aliança, e assim como os animais, vivem sobre a mira da arma do caçador de homens. Os novos colonizadores ameaçam os índios com a perda da identidade cultural. Esse medo é pesadelo para o índio e, nessa luta, sua única aliada é a mãe-terra — finaliza Adalberto.

Brasil colônia resiste

As sessões de psicoterapia na comunidade Quatro Varas acontecem todas as quintas-feiras. Elas se destinam a pessoas que têm problemas, crises e sentem a necessidade de discutir esses males. Numa dessas reuniões, o tremembé Patriarca, da comunidade de Capim Açu, relatou os problemas vivenciados pelos indígenas do seu grupo e de Almofala. A partir disso, surgiu o intercâmbio e uma equipe formada por pessoas da Universidade Federal do Ceará, Legião Brasileira de Assistência, Centro de Estudos da Família, Direitos Humanos do Pirambu e da comunidade Quatro Varas visitou as terras dos tremembés.

Afirma Adalberto Barreto que nosse encontro ao ouvir os tremembés falarem de seus problemas, sentiu-se transportado ao Brasil colonial. De um lado, um Brasil com seus exploradores ávidos de lucros, destruindo matas, culturas e vidas e do outro, os índios, amedrontados, acuados, resistindo a deixar as terras de seus antepassados sob a ameaça dos que se dizem donos delas, o que o levou a descobrir com tristeza que os sem-terra de hoje são os índios de outrora expulsos de suas glebas. As palavras do cacique de Almofala, Manoel Viana, revelavam a grande mentira e a farsa insustentável que se contam nas escolas sobre os índios. Ele disse: "Para onde eles querem que vamos? Se nossos antepassados nasceram nestas terras e é dela que nos nutrimos? Nas nuvens não podemos morar...!".

Hoje, último dia da visita dos Tremembés a Fortaleza, eles terão uma reunião de estudo com a equipe da UFC, visando a uma pesquisa da cultura tremembé relativa ao processo de cura, doenças e remédios que utilizam. Após o almoço, eles retornarão a Almofala e Capim Açu.

ALCEBÍADES SILVA

Vinte e seis idosos da tribo dos tremembés, vindos de Itarema, visitaram os moradores da favela de Quatro Varas, no Pirambu. As duas comunidades discutiram as dificuldades que enfrentam para sobreviver. Os indígenas dançaram o torém e ofereceram para beber o mocororó. 11**A**

A História da etnia dos Tremembés

A preocupação de resgatar a história cultural de seu povo e de recompor em flagrantes suas lendas e epopéias, marcam o "clic" da máquina do fotográfo Marcos Guilherme, que hoje, às 21 horas, abre sua exposição individual "Tremembé de Almofala", na Fotogaleria Gentil Barreira, à rua Tibúrcio Cavalcante, 986, na Aldeota. Na mostra, 40 fotografias em preto e branco, retratam a cultura dos índios Tremenbés, tribo que vivia em constante migração, e que, segundo se acredita, ficou alojada na cidade do mesmo nome. O litoral é outro aspecto mostrado pelo artista, que tanto quanto a preservação da memória étnica, não vacila na documentação de toda a beleza que possui nossas terras banhadas pelo Atlântico.

Todas as fotografias foram feitas em Almofala, uma praia localizada a aproximadamente 260 quilômetros de Fortaleza. A escolha pelo local, segundo o artista, se deu após a leitura do livro "A margem da história do Ceará", do historiador Gustavo Barroso. Ao ler a crônica, "A igreja perdida no areial imenso", Marcos não resistiu a tentação, e foi ao lugar a procura desta civilização coberta pelas areia através do vento. "Em 1898, uma grande duna soterrou o templo, construído pela irmandade de Nossa Senhora da Conceição e somente 45 anos depois, em 1943, a duna se afastou pela ação dos ventos, fazendo-o ressurgir quase que intacto", lembra o artista.

MARCO HISTÓRICO

Marcos revela-se uma pessoa muito comprometida com o lado histórico e social de seu trabalho. Muito embora, reconheça a necessidade de desenvolver em sua trilha, o aspecto comercial. Isto, devido o pouco ou quase nenhum incentivo que recebe por parte de órgãos públicos capaz de lhe montar uma estrutura, onde fosse possível a realização continuada de trabalhos com cunho especificamente científicos. "O investimento para fazer esta mostra foi pessoal", lembra Marcos.

Os descendentes Tremembé conservaram alguns costumes e tradições de seus ancestrais, e, embora não sejam considerados índios, assim se autoidentificam.

O artista faz questão de ressaltar a perfeita linha de montagem para a realização de sua exposição. "Em termos gráficos, a individual está muito bem cuidada. O trabalho do artista Roberto Marques na confexão dos convites e cartazes está no melhor nível possível". Volta a falar sobre seu trabalho, onde explica que "os índios Tremembés formavam línguo-cultural-independente, pertencente ao tronco-étnico macro-jê. Eram derivados da terceira corrente migratória que alcançou o Novo-Mundo pelo estreito de Bering, no decorrer do período que vai do quarto ao terceiro milênio antes de Cristo, gente de aparência mongolóide, relacionada com os povos do Oriente asiático".

Marcos ressalta que "as fotografias desta exposição foram selecionadas do acervo de pesquisa realizada com recursos próprios, a partir de 1978 e do Projeto Tremembé — documentário etno-fotográfico sobre os descendentes da nação indígena Tremembé, desenvolvido em duas etapas". Diz também, que "Tremembé de Almofala", é composto por retratados de índios Tapeba, habitantes das margens do rio Ceará e de alguns trechos do município de Caucaia, na região metropolitana de Fortaleza, que integram o roteiro de pesquisa de campo, visitados nas localidades de Tabapuá, Capoeiras e Capuan...